

Trabalhos Científicos

Título: Abordagens Farmacológicas No Tratamento De Autismo

Autores: GABRIELA MURO MEDEIROS (UNIVERSIDADE CIDADE DE SÃO PAULO (UNICID)), MARIANA MARQUES SEPULVEDA (UNIVERSIDADE CIDADE DE SÃO PAULO (UNICID)), ALFÉSIO LUÍS FERREIRA BRAGA (UNIVERSIDADE CIDADE DE SÃO PAULO (UNICID))

Resumo: Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado principalmente por déficits na comunicação e na interação social e pela presença de comportamentos e/ou interesses repetitivos e restritos. Objetivo: Revisar sistematicamente a literatura sobre as intervenções medicamentosas no tratamento do TEA em crianças e adolescentes. Métodos: Revisão sistemática nas bases de dados Scielo, PubMed, Scopus, LILACS e TripDatabase, de estudos publicados entre 2005 e 2019, em língua portuguesa, inglesa e espanhola. Para essa busca, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: ensaios clínicos, autismo, transtorno do espectro autista, Síndrome de Asperger, ensaios clínicos cegos randomizados, terapias para TEA, terapias para síndrome de Asperger. Resultados: O uso isolado de risperidona melhorou os padrões estereotipados de comportamento. Suas associações com aripiprazol e com galantamina foram positivas para reduzir a irritabilidade e manejar os sintomas comportamentais associados ao TEA, respectivamente. Já a ginkgo biloba, como adjuvante da risperidona, levou à melhora significativa nos escores das subescalas ABC-C, sendo segura e bem tolerada. Nos ensaios contra placebo, ômega-3 demonstrou eficácia ao reduzir o uso de gestos e a hiperatividade e, em um estudo, produziu aumento significativo na citocina TNF-alfa. O uso de bumetanida reduziu os interesses restritos e o comportamento repetitivo em comparação ao placebo. O uso de ocitocina intranasal foi bem tolerado e melhorou as habilidades sociais em crianças com TEA. Em relação aos efeitos adversos, a risperidona e o aripiprazole foram associadas a sedação, hiperfagia, sialorréia, aumento de peso e vômitos, principalmente. Conclusão: Apesar de não existir um senso comum em relação à dose mínima necessária para reduzir os sintomas, não haver um medicamento que trate todos eles e da possibilidade de efeitos adversos significativos, os tratamentos analisados são considerados seguros e devem ser ajustados de acordo com os sintomas e a resposta clínica.